

APLICAÇÃO PRÁTICA DE AVALIAÇÃO DIFERENCIADA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA.

Geraldo Niza da Silva; Luciano Aparecido Féboli; Ophélia Amélia Simões Gielfi; Cezar A. da Silva Paulucci (E.E. Antonio Marin Cruz, Marinópolis-SP); Mario Susumo Haga; Kuniko Iwamoto Haga (FE-UNESP, Campus de Ilha Solteira).
Formação de professores e avaliação institucional.

Projeto parceria EE Antonio Marin Cruz/NE/PROGRAD/UNESP

Resumo. O projeto de avaliação diferenciada, proposta na EE Antonio Marin Cruz, teve como objetivo superar o efeito punitivo da avaliação, principalmente para o aluno, através do re-estudo da prova realizada e reaplicação de prova. Na aplicação o estudo para a prova é aberto, mas o estudo para a re-aplicação é dirigido, na re-aplicação o aluno recebe questões diferentes da aplicação. Embora o processo pareça simples, os professores, gestores, alunos e os pais precisam estar em sintonia. Os objetivos do que se quer ensinar, aprender, avaliar, devem estar bem claros. Como resultado do desenvolvimento do projeto de avaliação diferenciada, verificou-se redução na defasagem entre o que se deve aprender e o que se aprendeu pelos alunos, desenvolvimento de competências e habilidades dentro de sua série e, quanto aos professores, estes se envolveram na própria formação continuada, pois o processo o fez naturalmente, gestores e pais envolvidos com a escola como um todo. Pode-se concluir que está em construção uma escola com pensamentos positivo e valorizado, que deve investir em pesquisa, pois a formação contínua deverá estar sempre associada a algum sentido da pesquisa.

Palavras chaves: avaliação diferenciada, formação contínua de professores, gestores e pais.

INTRODUÇÃO

As escolas, os professores e a comunidade escolar têm se preocupado com a aprendizagem dos alunos, verificada através dos resultados das avaliações aplicadas pelo professor em sala de aula e também expressas nas avaliações externas como a do SARESP. Essa preocupação tem sido discutida, refletida, resultando em muitos trabalhos publicados sobre o tema nos últimos anos, no meio da ciência da educação. Os estudos resultaram em propostas de avaliação escolar, como progressão continuada,

avaliação formativa em contraposição à somativa, avaliação mediadora. Independentemente da nomenclatura utilizada, sabemos que a avaliação pode contribuir para o fracasso dos alunos quando utilizada apenas como instrumento classificatório, mas também o quanto ela pode ser útil para o sucesso dos alunos quando seus erros são utilizados para a retomada de conceitos ainda não aprendidos como cita Jussara Hoffmann:

insistir na reprovação e nas práticas tradicionais de avaliação, como solução dos problemas é viajar na contramão, pois problemas da esfera política e administrativa independem da nossa vontade. É melhor fazermos o mínimo, mas não o cruel e nem o antiético com os filhos dessa população brasileira sofrida.

Na mesma linha de pensamento Philippe Perrenoud diz: *“É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.*

Avaliar estudantes em diferentes estágios escolares deveria ser um processo diferente, assim a avaliação dos estudantes na universidade deveria ser um processo bem diferente daquele realizado com crianças e adolescentes na educação básica, pois o universitário compreende bem o sentido da avaliação em um contexto de formação profissional. Porém, as crianças precisam aprender o objetivo, sentido, significado da avaliação, logo ela deve fazer parte do currículo e se tornar instrumento pedagógico de importância relevante para a sua aprendizagem.

Com a implantação da Progressão Continuada, através da Deliberação CEE nº 09/97, no Estado de São Paulo, houve um processo de distorção da avaliação escolar por grande parte de nós professores e escolas, em muitos casos até abolindo provas escritas, avaliando-se apenas por observações sem registros. A própria Deliberação diz em seu Art. 1º, §3º: “o regime de Progressão Continuada deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, no final de cada ano letivo”. E em seu Art. 3º, inciso II reafirma que esse projeto deverá especificar, entre outros aspectos, mecanismos que assegurem: “avaliações de aprendizagem ao longo do processo, conduzindo a uma avaliação contínua e cumulativa da aprendizagem do aluno, de modo a permitir a apreciação de seu desempenho em todo o ciclo”.

O período da prática da Progressão Continuada foi muito conturbado na escola e, provavelmente pela falta de preparação, avaliando hoje, foi mal interpretada e criou-se um mal estar e estado de repulsão e revolta. Progressão Continuada, foi interpretada e por todos nós de forma equivocada, hoje na nossa escola, ela entendida como processo, mas na ocasião proposta, foi refutada e interpretada como a desvalorização do desempenho de todos os segmentos, apenas como certificação e, os resultados da avaliação mostraram o erro ou equívoco da prática (passar de ano todos os alunos), pois os resultados da mesma não alcançaram os objetivos desejados, que provavelmente foi de reduzir as diferenças entre alunos.

Após esse período de experiência com a Progressão Continuada, vimos que há sim um campo fértil para a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos dentro desse modelo, porém a prática não foi possível. Estudos sobre a avaliação e sua prática permitiram perceber que desde que a avaliação seja sistemática e que também faça parte do currículo escolar, pode ser utilizada como instrumento de aprendizagem e para a aprendizagem no ensino fundamental e médio.

Não é possível conceber que já no início de sua escolaridade o aluno seja avaliado com prova escrita e independentemente se aprendeu ou não os conceitos, o professor siga sem lhe dar oportunidade, orientação para conhecer o “certo”. Esse procedimento, sem completar os “gaps” na aprendizagem, contribui, sem nenhuma dúvida, para o fracasso escolar de muitos alunos que ainda não entendem realmente o significado da avaliação escolar e soa como punição.

É com o objetivo de superarmos essa situação (de avaliação), principalmente com efeito punitivo para o aluno, que estamos utilizando a avaliação em uma recuperação contínua de forma efetiva, sem distinção dos alunos quanto ao seu desempenho (nota) na prova da aplicação, com a preocupação de preservar a auto-estima de cada um (dos alunos). O projeto de Avaliação Diferenciada em parceria com a FE-UNESP, Campus de Ilha Solteira, via programa NE da PROGRAD-UNESP, com o título: “as diferentes lógicas da avaliação escolar: dos fundamentos e conceitos às aplicações em uma escola pública” e os seus reflexos no desempenho dos alunos, vem sendo desenvolvido a partir de 2007, ano de sua implantação.

METODOLOGIA

Após anos de aplicação de avaliação tradicional com a utilização de provas, muitas vezes pouco abrangentes e descontextualizadas, sem se importar com os erros, e registrando as notas que os alunos obtinham, passamos a estudar com os professores da UE, um projeto de avaliação diferenciada proposto pelo professor coordenador do projeto de Avaliação Diferenciada em parceria com a FE-UNESP (NAECIM), Campus de Ilha Solteira, via programa NE da PROGRAD-UNESP.

Nesse projeto houve a preocupação com o máximo de abrangência dos conteúdos estudados para provas, com questões melhor elaboradas que levassem os alunos ao raciocínio e à reflexão. Porém, a maior inovação do projeto foi a sugestão de reaplicação, também valendo nota. O fato de a reaplicação ter nota foi para motivar os alunos para a retomada de estudo das matérias referentes a esta prova. A reaplicação foi realizada uma semana após a aplicação. No intervalo entre a aplicação e reaplicação os alunos fizeram os estudos de todas as provas aplicadas, a partir da cópia das próprias provas. A prática do projeto avaliação diferenciada foi iniciada em uma 1ª série do Ensino Médio em 2007. Em 2009 o ensino fundamental também foi incluído no projeto avaliação diferenciada.

Como o projeto é aberto e a educação um processo dinâmico, conforme surgiram os problemas, foram pensadas as soluções. Essas adaptações também ocorreram no ensino fundamental, onde os professores programaram o estudo da prova na própria aula, quando os alunos tiveram oportunidade de resolver todas as questões em seus respectivos grupos, tendo auxílio do professor apenas quando não conseguiram resolver, e então, entre as diferentes provas, o aluno recebe na reaplicação, uma diferente daquela da aplicação.

No período diurno, no ensino médio, o professor aplica a prova no dia programado, conforme as diretrizes da escola, os alunos estudaram no contra turno com seu grupo, todas as provas, organizados pelo líder do grupo. Uma semana depois ocorreu a reaplicação, sendo que os alunos receberam uma prova diferente daquela resolvida por ele na aplicação, conforme descrito no projeto (na aplicação, o aluno estudou todo o conteúdo e durante o estudo das questões da prova da aplicação, o aluno estudou de forma mais dirigida). Nessa mesma linha de pensamento, Jussara Hoffmann diz, ao término de uma avaliação é preciso desafiar o aluno a novas ações, desde que favoreçam o seu desenvolvimento integral, ou seja, é importante propiciar-lhe

mudanças essenciais, acompanhadas de apoio intelectual e afetivo, que o levem à superação de suas dificuldades e promovam melhores condições de aprendizagens para sua vida futura.

Também a LDB em seu art. 12, inciso V, diz que os professores devem oferecer recuperação aos alunos de menor rendimento toda vez que perceberem deficiências de aprendizagem. Nesse projeto de avaliação diferenciada praticada nessa unidade escolar tem sido em grande parte uma recuperação contínua quando discute as questões da aplicação da prova, permitindo aos alunos que descubram os caminhos corretos a serem seguidos para a solução de um problema e se preparam para a reaplicação para resolverem outras questões em outras provas, porém com os mesmos conteúdos.

Conseguimos também, em conjunto com os professores, acabar com as bonificações de notas sem a devida correspondência de aprendizagem, ou seja, elas devem corresponder às respostas dadas pelos alunos nas provas, assim não temos mais “pontinhos” por esse ou aquele motivo, pois acreditamos que eles desestimulam o esforço dos alunos para os estudos e sua aprendizagem.

Outro aspecto interessante desse projeto de avaliação foi a desmistificação de que alunos provenientes de diferentes famílias e estruturas familiares, proporcionando a inclusão de todos ou a maioria no processo de ensino aprendizagem com a própria participação. É fato que não é incomum professores, a escola, a sociedade responsabilizassem a situação social desses alunos pelo fracasso escolar. Como o “gap” de aprendizagem tem diminuído, com a prática do projeto Avaliação Diferenciada, atualmente esse discurso já não é mais usado.

O relacionamento gestor/aluno também passou por mudanças de paradigma, foi necessário estabelecer uma relação de confiança mútua e um contrato didático (LERNER, 2005), bem definido e cumprido com seriedade por ambos. Esse modelo de relação transformou o ambiente escolar, antes confuso, para um clima mais tranquilo, com cada um sabendo bem qual seu papel e objetivos dentro da escola.

Instituímos um relatório bimestral produzido por dois alunos eleitos pelas suas classes, como seus representantes, o qual é apresentado no conselho de série, em que juntamente com seus pares, colocam os pontos positivos e negativos de suas classes, falhas de professores e gestores e sugestões para melhorar a aprendizagem. Esse relatório é lido perante seus professores e

gestores e alunos de outras classes, em seguida o professor representante da sala também dá o seu parecer sobre as facilidades e dificuldades da sala. Para facilitar a produção é dado um questionário que abrange vários aspectos pedagógicos e administrativos. Esses relatórios foram recolhidos, lidos e refletidos pelos gestores e professores da escola.

RESULTADOS

Os estudos contínuos sobre avaliação e a preocupação de um processo avaliativo voltado para a regulação da aprendizagem, como sugere Perrenoud (1999), sempre foram preocupações da gestão desta escola, porém ganharam corpo com esse projeto sugerido e orientado pelo professor coordenador de projeto Avaliação Diferenciada em parceria com a FE-UNESP (NAECIM), Campus de Ilha Solteira, via programa NE da PROGRAD-UNESP, que teve início no segundo semestre de 2007. A partir desse período a avaliação passou a ter significado diferente para o grupo da nossa UE (EE Antonio Marin Cruz).

Aos poucos, professores, gestores, pais e alunos passaram a ver e ter a avaliação como uma grande aliada no processo ensino-aprendizagem. Os erros, até então temidos, passaram a ser visto, analisados e trabalhados como algo natural por todos, sem medos e estigmas, conforme relatórios bimestrais dos alunos como relatado:

... “Em nossas provas montamos grupos e entre os grupos estudamos as aplicações e nos preparamos para a reaplicação, esse estudo para alguns alunos foi como se fosse uma bela ajuda pois se não tivesse ido bem na aplicação tentar melhorar na reaplicação”... (relatório bimestral da 1ª série A, do Ensino Médio).

... “Todas as provas aplicadas no 1º bimestre tiveram reaplicação e também foram estudadas, esse trabalho de estudo e reaplicação é muito importante para os alunos, pois além de fazer as provas para os professores verem realmente quais são nossas dificuldades, eles fazem as reaplicações e os estudos para reforçarem seus conhecimentos”... (relatório bimestral da 8ª série A do Ensino Fundamental).

Essas colocações e as do representante de sala, que expressou os seus sentimentos, anseios e críticas dos colegas da classe, deixaram-nos surpresos, professores e gestores, com a precisão das críticas dos alunos, as quais têm citado o quanto o modelo de avaliação implantado tem contribuído para a melhoria da qualidade do ensino. Porém, há de se ressaltar que se não houver compromisso, envolvimento e acompanhamento dos gestores,

difícilmente qualquer projeto daria ou dará resultados na aprendizagem dos alunos.

O desempenho dos alunos nas avaliações externas foi melhorando gradativamente, conforme mostram os boletins da escola, até chegarmos em 2010 em primeiro lugar na Diretoria de Ensino de Jales, no IDESP e SARESP na 8ª série e também no SARESP da 3ª série do ensino médio. Observamos também, através da análise dos níveis de desempenho dos alunos, que houve uma expressiva diminuição dos alunos classificados no nível “abaixo do básico”, migrando para o nível “básico e adequado”. Esses dados evidenciam uma significativa melhora na qualidade de aprendizagem dos alunos.

o compararmos os índices do IDEB de 2007 e 2009, também é notória a melhoria do desempenho dos alunos. Em 2007 a escola teve 4.9 de média na Prova Brasil, já em 2009 essa nota foi para 5.8 conforme dados do MEC.

Outros aspectos relevantes a serem considerados foram a frequência dos alunos na Escola em contra turno. Verificou-se também pelas falas que houve melhora da auto-estima dos alunos, professores e funcionários, da admiração e respeito da comunidade e autoridades pela escola, maior presença e participação dos pais, diminuição dos problemas de indisciplina com os alunos, diminuição das faltas dos alunos e professores, melhora significativa do desempenho dos alunos em vestibulares de universidade públicas e em olimpíadas e fixação dos alunos da comunidade na escola local.

Observando esses resultados, podemos verificar o quanto o projeto de Avaliação Diferenciada proposto pelo professor coordenador de projeto NE da FE-UNESP, Campus de Ilha Solteira, tem contribuído para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem dos nossos alunos.

Tabelas 1. Dados de indicadores do desempenho, fluxo e IDESP (2007, 2008, 2009 e 2010) e de indicadores de desempenho de Língua Portuguesa e Matemática (2008 e 2009 e 2010).

	Indicadores		IDESP 2007
	Desempenho	Fluxo	
4ª série EF			
8ª série EF	3,87	0,93	3,60
3ª série EM	2,66	0,70	1,85

IDESP 2008 - INDICADORES DA ESCOLA

	Indicadores de Desempenho		Indicador de Desempenho	Indicador de Fluxo	IDESP 2008
	Língua Portuguesa	Matemática			
4ª série EF					
8ª série EF	3,8889	3,7037	3,80	0,9290	3,53
3ª série EM	3,9080	2,2989	3,10	0,9330	2,90

IDESP 2009 - INDICADORES DA ESCOLA

	Indicadores de Desempenho		Indicador de Desempenho	Indicador de Fluxo	IDESP 2009
	Língua Portuguesa	Matemática			
4ª série EF					
8ª série EF	4,7310	4,8387	4,78	0,9658	4,62
3ª série EM	4,2030	3,4783	3,84	0,8817	3,39

IDESP 2010 – INDICADORES DA ESCOLA

	Indicadores de Desempenho		Indicador de Desempenho	Indicador de Fluxo	IDESP 2010
	Língua Portuguesa	Matemática			
5º ano EF					
9º ano EF	4,9517	4,7620	4,86	0,9648	4,69
3ª série EM	4,3743	2,9167	3,65	0,8600	3,14

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: SP

Indicador: Ideb Rede de ensino: Estadual

Série / Ano: 8ª série / 9º ano

Escola	Ideb Observado			Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
ANTONIO MARIN CRUZ		4,9	5,8		4,9	5,1	5,5	5,8	6,0	6,2	6,4

Figura 1. Resultados da escola no IDEB em 2007 e 2009.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Em nenhum momento negamos ou omitimos o caráter competitivo e cultural do sistema capitalista em que vivemos, nem da “meritocracia” que se evidencia diante das notas dos alunos e que é uma exigência do sistema de ensino. Em nosso entendimento, elas fazem parte da cultura da nossa sociedade e não podem ser objeto de omissão, enganando os alunos como se não houvesse competição por desempenho, e como fizemos como em muitas escolas ao interpretarmos erroneamente a progressão continuada. O equívoco na progressão continuada estabeleceu, infelizmente, um período em que houve degradação da escola pública, postergando a percepção de fracasso dos alunos para o final da educação básica, e esta situação prejudicou a formação dos alunos.

Mas, em nosso caso, está sendo possível a conciliação entre as duas lógicas da educação escolar: a somativa e a mediadora de Jussara Hoffmann ou a reguladora de Philippe Perrenoud, com grandes ganhos para os alunos quanto à preparação para um mundo cada vez mais complexo. Essa metodologia é bem diferente daquela que permeou por anos a progressão continuada nas escolas, incluindo a nossa, e que através de uma interpretação equivocada, passou a igualar os desiguais dentro da escola, suprimindo a avaliação, omitindo deles dados necessários para orientação de

seu desempenho e aprendizagem, passando a impressão que não há na sociedade uma brutal competição. Esses alunos que convivem numa falsa “igualdade de aprendizagem escolar” foram e são prejudicados e só perceberão mais tarde, as conseqüências de não terem uma educação básica adequada. Não é o caso de não se avaliar, mas de avaliar melhor, decifrando os erros, descobrindo caminhos, aprendendo, se preparando cada vez mais para enfrentar os grandes desafios postos na atualidade.

A utilização da avaliação como um instrumento pedagógico apresentou para a gestão inúmeras implicações: a formação dos professores para o projeto, o convencimento dos alunos e pais de que eram viáveis, a organização de todo o sistema de elaboração, impressão, reimpressão das provas, programação de todas as avaliações, acompanhamento da aplicação e reaplicação, verificação da qualidade das provas, treinamento dos professores novos todos os anos, aumento expressivo no consumo de papel e tinta. Porém, os ganhos de qualidade da educação escolar, de acordo com os resultados já apresentados, têm superado todos os obstáculos.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados nesse trabalho, relativos ao desenvolvimento do projeto de avaliação diferenciada na escola são bastante animadores, embora ainda a escola tenha muito que evoluir.

Destacamos como significativos os avanços, verificados na formação continuada dos professores, para o projeto e com o projeto, que refletiram na qualidade do processo ensino aprendizagem de forma generalizada na escola.

A nova escola em construção, demanda ainda, investimento em pesquisa, pois a formação contínua de professores deverá estar sempre associada a algum sentido de pesquisa, como comenta Domingos Fernandes (2009).

Referências

HOFFMANN, J. O jogo do contrário em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LERNER, D. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAGA , M. S.; HAGA, K. I. As diferentes lógicas da avaliação escolar: dos fundamentos e conceitos às aplicações em uma escola pública. Anais do X Congresso Estadual Paulista para Formação de Educadores, Águas de Lindóia, SP, CD-ROM. 2009.

PERRENOUD, P. (1999). A Avaliação: Da Excelência à Regulagem das Aprendizagens-Entre Duas Lógicas. Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul.